



Governar é preciso

Certas alianças impressionam mal, mas o novo presidente necessitará delas

O LEITOR ESTÁ INDIGNADO COM AS ALIANÇAS FEITAS pelos presidenciais? Pois você não está sozinho. Muita gente desce o malho nas saladas de siglas e acordos alinhavados por um dos três que contam — Luiz Inácio Lula da Silva (PT-PL), Ciro Gomes (PPS-PDT-PTB) e José Serra (PSDB-PMDB).

Tudo bem, espremer é direito inalienável. E, em boa parte, os críticos têm razão. Afinal de contas, não é fácil ver Lula afagando o ex-governador paulista Orestes Quéricia, acusado no passado pelo PT de toda sorte de maracutaías, ou Ciro de braços dados com figuras turvas do governo Fernando Collor, ou Serra casado com um partido, o PMDB, que se afastou tanto do rumo imaginado por seus dirigentes históricos que a maioria deles caiu fora e fundou, em 1988, o PSDB.

Mas, passada a raiva, quem sabe você enxergue um outro lado nessa história: a governabilidade. Sim, os três fizeram acordos porque querem ganhar a eleição. Mas não duvide: eles estão muito preocupados em como vão, depois da eleição, governar um país grande, extraordinariamente complexo, cheio de oportunidades, mas também repleto de problemas de longo, médio e curto prazo, como o Brasil.

E, como graças a Deus estamos numa democracia, para isso é absolutamente indispensável o Congresso. Se Lula fosse eleito, e não tivesse costurado as alianças e palanques estaduais que conseguiu, seria bem possível vê-lo no Planalto ilhado de problemas e tendo como apoio no Legislativo, em hipótese otimista, meros 100 ou 110 deputados entre 513, e dez ou 12 senadores de 81. Ciro, se ficasse apenas com a coligação original, não teria bancada muito maior. E mesmo Serra, apoiado por dois partidos fortes, não chegaria à maioria, ainda que eventual, necessária para aprovar reformas vitais à sobrevivência do país, como a da Previdência ou a tributária. Por alterar a Constituição,

elas precisam ter apoio de três quintos dos parlamentares.

O cenário de dificuldades tenebrosas à frente, somado ao natural desejo de vencer em outubro, fez com que todos voassem atrás do prejuízo. Lula coligou-se ao PL do senador e industrial José de Alencar, de Minas Gerais, e semeou apoios em diferentes áreas: estão com ele setores descontentes dos tucanos em estados como o Maranhão, líderes importantes do PMDB na Paraíba, em São Paulo e no Paraná e o ex-presidente Itamar Franco, governador de Minas (sem partido). Até o senador e ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) poderá apoiá-lo. Fernando Henrique tem sinalizado que pode ajudar sua eventual gestão, no futuro.

Ciro arrastou boa parte do PFL, à frente o ex-senador Antonio Carlos Magalhães, além de políticos influentes como o ex-presidente da Câmara Inocêncio de Oliveira. Tem um namoro com o favorito ao governo mineiro, Aécio Neves (PSDB), e com o governador tucano de Goiás, Marconi Perillo, e um flerte com o do Distrito Federal, Joaquim Roriz (PMDB).

Da mesma forma, Serra procurou estender seu cobertor, abrangendo, no PFL, o prefeito do Rio, César Maia, e os governadores do Paraná, Jaime Lerner, e do Piauí, Hugo Napoleão, além do de Santa Catarina, Espiridião Amin (PPB).

Governar com o Congresso é arte difícil. Presidentes que achavam que podiam desprezá-lo ou não cultivaram as necessárias bases, como Jânio Quadros ou Collor, terminaram mal. Outros, que exageraram em concessões, fizeram administrações em muitos aspectos desastrosas, como Sarney, ou aquém do que se esperava, caso de FHC.

Alianças são importantes, mas as espúrias, se prevalecerem, serão, para o próximo presidente, problema ainda pior do que não ter maioria. ■

As reformas só passam no Congresso com 3/5 dos votos